O CORPO FALA: A COMUNICAÇÃO DOS BEBÊS E O PAPEL DO EDUCADOR

SILVIA MABEL DE SOUZA ROCHA

RESUMO
O artigo "O Corpo Fala: A Comunicação dos Bebês e o Papel do Educador" traz argumentações sobre a as formas de comunicação dos bebês, no berçário mais especificamente nas escolas de educação infantil. Dando relevância sobre o papel do educador na interpretação e resposta a essas expressões, fazendo com que o professor que tem um olhar e uma escuta sensível para as particularidades de cada criança fazendo com que sua atuação seja essencial, uma vez que este profissional é atuante em atenção e a sensibilidade para compreender e atender as necessidades. A fala do bebê é forma por uma linguagem que vai além de sons emitidos pela boca, mas envolve a linguagem corporal com diferentes sinais, como o choro, que pode indicar fome, sono ou desconforto, e o sorriso, que demonstra satisfação e desejo de interação. No berçário, a escuta ativa e a resposta sensível dos adultos são importantes ferramentas a fim de criar um ambiente seguro e acolhedor, fortalecendo vínculos emocionais e incentivando o desenvolvimento infantil. A organização do ambiente é uma característica importante para mediar a comunicação. Um espaço planejado favorece a interação entre bebês e
educadores, proporcionando experiências de aprendizado e socialização. O artigo traz contribuições de Paulo Focchi (2013) e Suzana Macedo Soares (2020) ressaltam a importância do olhar atento e do reconhecimento dos bebês como sujeitos ativos na construção de suas próprias aprendizagens. Contudo, o estudo ressalta o quão importante é o papel do educador além da observação que deve atuar de forma sensível e responsiva, reconhecendo e valorizando as expressões dos bebês a fim de garantir um desenvolvimento emocional, social e cognitivo saudável.
PALAVRAS-CHAVE: Bebês; Escuta ativa; Educador; Linguagem corporal.

INTRODUÇÃO

A comunicação é uma característica natural do desenvolvimento humano, os bebês, desde os primeiros dias de vida, os pequenos já demonstram capacidade em interagir com o mundo ao seu redor. Mesmo sem o uso da fala eles conseguem expressar suas necessidades, emoções e desejos por meio de gestos, expressões faciais, balbucios e movimentos corporais. No contexto do berçário, essa linguagem se torna ainda mais propícia, uma vez que os bebês dependem do olhar atento e da interpretação sensível dos educadores para que suas expressões sejam compreendidas e respondidas de maneira adequada.

A vivência entre bebês e educadores no ambiente escolar tem uma importante função no desenvolvimento infantil, intervindo não apenas a aquisição da linguagem, mas no vínculo emocional e a segurança afetiva. Um choro pode indicar fome, sono ou desconforto, enquanto um sorriso pode sinalizar satisfação e desejo de interação. Ao longo dos primeiros meses de vida, os bebês vão ampliando suas formas de comunicação, fazendo gestos, olhares e balbucios que precisam ser percebidos e incentivados pelos adultos que os acompanham.

Este trabalho tem como objetivo trazer argumentos sobre a linguagem corporal dos bebês e a importância da escuta ativa e da resposta sensível por parte dos professores, ressaltando como um ambiente planejado e pensado pode favorecer a interação. Além disso, será abordado o papel do educador na interpretação e resposta às expressões dos bebês, demonstrando como essa interação influencia diretamente o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças na primeira infância.

A Linguagem Corporal dos Bebês

A quem pense que não existe comunicação por parte dos bebês, no entanto desde os seus primeiros dias de vida, eles demonstram capacidade em se comunicar com o mundo ao seu redor, usando principalmente como formas de se expressar a linguagem não-verbal, nesse diálogo inclui gestos, expressões faciais, vocalizações e movimentos corporais, que são ferramentas importantes

para que eles possam expressar suas necessidades, emoções e desejos. Dentro do contexto do berçário, essas linguagens ficam ainda mais evidentes, uma vez que os bebês dependem completamente do olhar atento e da interpretação sensível dos educadores para que suas mensagens sejam compreendidas e respondidas adequadamente.
No berçário, os bebês utilizam diferentes estratégias de comunicação. Um bom exemplo é o choro, que pode sinalizar fome, desconforto ou sono. O sorriso e o olhar fixo são maneiras de demonstrar interesse e buscar interação com os adultos. Quando já estão um pouco maiores os bebês vão adquirindo outras formas de se comunicar além do choro, como os gestos quando estendem os braços ou ao apontar o dedo para algum objeto indicando um desejo específico, como ser carregado ou alcançar um brinquedo. Cada sinal emitido pelo bebê carrega uma intenção e reflete a sua tentativa de se conectar com o ambiente e as pessoas ao seu redor.

Focchi (2013 p. 99) elucida que,

A curiosidade por esse outro, é o que impulsiona o bebê a descobrir ao seu entorno. O alcançar, ao qual ao me refiro, abrange uma tessitura de ações [...] que de alguma forma, envolvem a dimensão humana de tocar, olhar, experimentar, conectar, provar, comunicar, conversar, aproximar, interagir, e estar com o outro.

O autor destaca a curiosidade natural que os bebês têm em relação ao outro o que torna um combustível para que ele possa descobrir o mundo ao redor. Quando o bebê alcança um conjunto de ações humanas fundamentais que o permite se conectar com seu entorno e com outras pessoas, faz com que ele possa realizar ações que incluem tocar, olhar, experimentar, conectar, provar, comunicar, conversar, aproximar, interagir e estar com o outro.
Focchi mostra que a busca do bebê ao interagir com o ambiente e com as pessoas, está construindo experiências sensoriais, emocionais e sociais. Por exemplo, quando um bebê estende a mão para pegar um brinquedo, ele não está apenas explorando o objeto, mas também praticando habilidades motoras e buscando compreender seu próprio papel no ambiente. Da mesma forma, ao fixar o olhar em alguém, o bebê busca interagir e estabelecer vínculos.
Assim podemos compreender que as ações dos bebês que muitas vezes são julgadas como simples não são apenas mecânicas, mas tem significados que envolvem a interação humana e a aprendizagem. Elas reforçam o papel essencial do educador em promover oportunidades para que o bebê explore, interaja e descubra o mundo com apoio e sensibilidade.

A Importância da Escuta Ativa e da Resposta Sensível
É primordial que o profissional que atua na educação infantil, tenha uma escuta ativa com relação as ações que acontecem com os bebês, a resposta sensível é fundamental para estabelecer uma comunicação. A escuta atenta envolve ter cuidado aos sinais emitidos pelos bebês, compreendendo suas expressões faciais, gestos e vocalizações. O professor atento demonstra interesse genuíno e reforça o vínculo de segurança e confiança com a criança.
Soares (2020 p.22) esclarece que,

Se consideramos o bebê como um ser competente e com potencial para se relacionar desde o nascimento, e não um ser passivo, apto apenas para receber o que o adulto oferece, é essencial estabelecermos com ele, desde o início de sua vida, uma relação de confiança e colaboração.

Manter um relacionamento de segurança e colaboração com o bebê é primordial uma vez que um ambiente seguro, transmite aos pequenos acolhida e respeito, contribuindo para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança, já que ela passa a perceber que suas necessidades, emoções e ações são compreendidas e respeitadas. Uma relação segura permite que o bebê explore o ambiente e se desenvolva de maneira saudável.
A resposta sensível ocorre quando o educador reage de maneira adequada às necessidades do bebê. Isso significa responder prontamente ao choro, ao sorriso ou a qualquer manifestação do bebê, garantindo que ele se sinta acolhido e compreendido. Quan-

do um bebê percebe que suas expressões são reconhecidas e atendidas, ele se sente seguro para continuar explorando o mundo e desenvolvendo suas habilidades comunicativas.
Além disso, a escuta ativa e a resposta sensível influenciam diretamente o desenvolvimento socioemocional dos bebês. Bebês que recebem respostas atentas e afetuosas têm maiores chances de construir relações saudáveis no futuro, pois aprendem desde cedo que suas emoções e necessidades são valorizadas. Essa prática também fortalece a autoestima da criança e contribui para o desenvolvimento da linguagem oral.
O educador pode demonstrar escuta ativa e resposta sensível por meio de pequenos gestos diários, como manter o contato visual, responder verbalmente ao balbucio dos bebês, usar expressões faciais que reflitam empatia e adaptar a rotina conforme as necessidades individuais de cada criança. Criar um ambiente de comunicação afetiva é essencial para garantir que os bebês se sintam confortáveis para expressar suas emoções e interagir com o mundo ao seu redor

O Ambiente como Mediador da Comunicação
A organização de um ambiente acolhedor no berçário é primordial para que seja fortalecido a forma de se comunicar dos bebês. O que abrange em preparar espaços que incentivem a interação, quando um adulto disponibiliza brinquedos adequados à idade certa do bebê este está possibilitando momentos de construção de aprendizagens com o contato direto entre educadores e crianças. Horn (2017 p. 18) explica que,

Quando nos propomos a refletir sobre o modo como se organizam os espaços na educação infantil, é preciso entender, primeiramente, de que espaço estamos falando e de como as crianças interagem nesse espaço. Apesar de estarem intimamente ligados, é importante destacar o que se entende por espaço e o que se entende por ambiente. O termo espaço referese aos locais onde as atividades são realizadas e caracteriza-se pela presença de elementos, como objetos, móveis, materiais didáticos e decoração. O termo ambiente, por sua vez, diz respeito ao conjunto desse espaço físico e suas relações interpessoais dos indivíduos envolvidos nesse processo, ou seja, adultos e crianças.

A autora nos propõe a refletir sobre o objetivo do ambiente dentro do espaço da educação infantil uma vez que Horn nos explica que, o ambiente vai além do espaço físico, mas é o local onde se estabelece relações interpessoais, ou seja, inclui a interação entre crianças, professores e outros adultos, tornandose um espaço vivo e dinâmico que influencia o aprendizado e o desenvolvimento infantil. Horn (2017 p. 17) destaca que,

O espaço não é simplesmente um cenário na educação infantil. Na verdade, ele revela concepções da infância, da criança, da educação, do ensino e da aprendizagem que se traduzem no modo como se organizam os móveis, os brinquedos e os materiais com os quais os pequenos interagem. Sua construção, portanto, nunca é neutra, pois envolve um mundo de relações que se explicitam e se entrelaçam. A organização do espaço na educação infantil tem como premissa, portanto, o entendimento do espaço como parte integrante do currículo escolar e como parceiro pedagógico do educador infantil, profissional que exerce o importante papel de mediador nesse processo.

A autora elucida que o espaço na educação infantil vai além de um cenário onde acontecem as atividades, mas ele é de suma importância para nos fazer refletir sobre as diferentes concepções de infância, criança, educação e aprendizagem. A maneira como móveis, brinquedos e materiais são organizados tem o objetivo de influenciar diretamente nas vivências e interações dos bebês, fazendo com que o ambiente se torne um fator ativo no processo de aprendizagem. Assim, a disposição com que os elementos são dispostos no espaço é revelado as intencionalidades pedagógicas o que favorece ou limita determinados momentos, sendo, portanto, uma construção que nunca é neutra, uma vez que carrega em si um conjunto de relações e significados.
Além disso, organizar o espaço com intencionalidade é considerá-lo como parte integrante do currículo da infância sendo ele um

verdadeiro parceiro pedagógico no desenvolvimento dos pequenos. No momento em que o educado organiza o espaço pensando nas intencionalidades, ele está facilitando a construção da autonomia, permitido que os bebês possam se comunicar através da exploração e a interação entre os pares, possibilitando assim aprendizagens significativas. Assim, o professor de educação infantil tem um papel primordial como mediador, garantindo que o espaço seja acessível, estimulante e adequado às necessidades dos pequenos, contribuindo para um ambiente educativo que valoriza o protagonismo infantil.

O Papel do Educador na Interpretação e Resposta

O professor exerce um importante papel na observação e compreensão dessas representações corporais. Com cuidado e sensibilidade, ele pode identificar os sinais apresentados pelos bebês respondendo de maneira adequada, possibilitando uma relação segura. O convívio favorece o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Soares, aponta ações que nos fazem reconhecer os bebês como sujeitos que vivem o processo da construção de suas próprias aprendizagens e interação. Cada uma dessas ações reforça a importância de um cuidado atento, respeitoso e sensível às necessidades individuais das crianças.

Observar e perceber cada criança, em sua singularidade.
Olhar em seus olhos.
Fazer gestos delicados.
Pedir sua colaboração, mesmo quando ela ainda é pequena.
Reagir positivamente as suas manifestações.
Dar tempo necessário para que se aproveite a experiência.
Não interromper os cuidados quando está com a criança.
Narrar com suavidade o que está acontecendo e o que vai acontecer.
Nomear o que percebe que a criança está sentindo.
Apresentar os objetos que está usando e deixar que a criança os manipule, quando possível. Soares (2020 p.27)

O olhar atento permite que o educador se antecipe com relação aos gestos e expressões dos bebês, evitando assim desconfortos e possibilitando um local tranquilo e acolhedor. Além de que conversar sobre sentimentos e ações quando está interagindo com os bebês, faz com que o educador auxilie na ampliação da compreensão dos bebês sobre as emoções e sobre o mundo ao seu redor.

É importante que o educador mantenha uma relação resistente e afetiva. Quando os bebês percebem que são compreendidos e acolhidos tendem a desenvolver segurança emocional, o que beneficia o processo de aprendizagem e socialização. Para isso, o educador deve garantir contato visual, tom de voz seguro e gestos que reforcem a comunicação, demonstrando empatia e atenção genuína. Soares ainda explica que,

Cabe ao educador observar e acompanhar as descobertas, percebendo a singularidade de cada bebê. Não interferir na atividade independente da criança, não significa abandoná-la. Um adulto precisa estar sempre por perto, para uma troca de olhares, uma observação verbal ou até uma mediação, quando necessário. Ele pode por exemplo, comentar determinado desempenho, aprofundando os vínculos e reafirmando a competência do bebê. (Soares 2020 p. 53)

A autora destaca a importância da atuação do educador no desenvolvimento do bebê, enfatizando a necessidade de equilíbrio entre observação e intervenção.

A observação atenta dos bebês no berçário permite que os educadores compreendam melhor as semelhanças diálogo não-verbal estabelecendo um convívio mais significativo. O olhar sensível oportuniza um ambiente em que os bebês se sintam acolhidos e seguros, promovendo assim um desenvolvimento na autonomia e suas expressões. Soares (p.24) ainda enaltece que,

Compreendendo a importância do vínculo e o momento de cuidados como privilegiados para estabelecerem este laço imprescindível para o desenvolvimento infantil sadio, nos resta pensar em como podemos estabelecer um contato mais próximo com cada uma

das crianças, no ambiente coletivo, como uma sala de berçário. O planejamento da rotina deve priorizar um contato de qualidade e garantir a organização do ambiente seguro e instigante para que as crianças que não estiverem no processo do cuidar, possam se movimentar e brincar livremente.

Planejar uma rotina que equilibre os momentos de cuidado a um ambiente seguro e estimulante, onde todos os bebês possam ser protagonistas de suas ações, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e para a construção de relações de confiança entre bebês e educadores. A repetição e a previsibilidade são ações importantes para o fortalecimento de laços entre bebês e educadores. A prática constante permite aos adultos responderem de maneira coerente aos sinais apresentados pelas crianças, elas começam a estabelecer os mesmos padrões e passam a compreender que suas tentativas de comunicação são valorizadas. Um bom exemplo é quando um bebê aprende que ao estender os braços será atendido, ele reforça essa ação como uma forma eficaz de interação.

Outra característica importante para a construção da comunicação do bebê se estabelece através do contato visual e do tom de voz. Ter um olhar respeitoso e uma voz calma, são práticas que transmitem segurança e afeto, além de auxiliar os bebês a se sentirem compreendidos e respeitados. Pequenos gestos, como sorrir ao interagir, abaixar-se para ficar na altura dos bebês e nomear as ações que estão sendo realizadas, contribuem para um ambiente comunicativo e afetivo.

A interação no berçário também envolve os pares. Embora os bebês ainda estejam desenvolvendo suas habilidades sociais, já demonstram interesse pelos outros. As trocas de olhares, imitação de gestos e tentativas de tocar os colegas são exemplos de interações que acontecem naturalmente e que devem ser incentivadas pelos educadores. Esses momentos são importantes para o desenvolvimento das primeiras habilidades sociais, o que permite aos bebês a começarem a compreender conceitos como espera, reciprocidade e empatia.

A organização do ambiente é um componente que beneficia as vivências e as interações. Quando se é disponibilizado um espaço amplo, com brinquedos acessíveis e estímulos sensoriais variados está colaborando para que os bebês tenham possibilidades reais em se comunicar além de poder explorar o mundo ao seu redor. Um ambiente pensado de forma a acolher tem como objetivo facilitar a experimentação e a construção de significados, transformando se assim em um aliado na construção das linguagens infantis. Horn (p.24) explica que,

No caso da criança pequena em especial, ela se desenvolve associando a memória de situações aos espaços e aos materiais em que essas situações ocorreram. Assim, espaços e materiais atuam como mediadores externos para as ações das crianças. Se há uma estante com livros e um tapete perto no qual podem se sentar e folheá-los, isso canaliza as ações infantis para as interações com os livros, imitando o que já observou ser o comportamento de leitores adultos, e também se torna fundamental no faz de conta de crianças pequenas. Elas criam um enredo imaginário mediado por objetos, indumentárias, sons, etc., e assumem personagens.

O faz de conta, também se torna um meio de comunicação conforme os bebês crescem e ampliam a linguagem simbólica. As crianças fazem uso de objetos que representam elementos do seu imaginário, gerando narrativas próprias e interagindo com os colegas através de diálogos, gestos e expressões. Assim o livro pode se transformar em vários outros objetos como um telefone, um volante de carro ou um presente, e esses usos refletem não apenas a criatividade infantil, mas como formas de comunicação dando significados e experiências.

Sendo assim torna-se importante perceber que a comunicação dos bebês, vai além de balbucios é imprescindível que se conheça e valorize as múltiplas linguagens para a construção de um vínculo afetivo e de um espaço educativo que respeita e incentiva as particularidades de cada criança. A ação sensível e atenta dos educadores facilita a comunicação, além de promover o desenvolvimento integral das crianças, criando bases sólidas para suas futuras interações e aprendiza-

dos.

CONCLUSÃO

A forma de falar dos bebês por meio da linguagem corporal é um aspecto essencial do seu desenvolvimento e da sua relação com o mundo. Desde muito pequenos os bebês buscam meios para que suas necessidades sejam atendidas, ao demonstrarem suas emoções e desejos através de gestos, expressões faciais, vocalizações e movimentos corporais. Desta maneira, cabe ao adulto que convive diariamente buscar caminhos para ficar atento a esses sinais, sabendo que cada expressão do bebê é uma tentativa de interação e comunicação.

O artigo mostrou que a escuta atenta as expressões das crianças e

responder ao seu estímulo são fundamentais para determinar um vínculo de segurança e confiança entre o bebê e o educador. Quando o professor consegue responder de forma adequada às manifestações dos bebês, o profissional está contribuindo para o desenvolvimento socioemocional, cognitivo e linguístico das crianças. O convívio harmonioso e respeitoso fortalece a autonomia dos bebês e os encoraja a explorar o ambiente com mais segurança e curiosidade.

O estudo expôs que o adulto saber interpretar as expressões dos bebês permite uma organização do ambiente capaz de fazer com que os pequenos possam construir de forma autônoma seu desenvolvimento. Um espaço pensado e planejado de maneira estimulante faz com que as interações sejam significativas, possibilitando experiências enriquecedoras que potencializam o aprendizado e a expressão das crianças. O ambiente precisa ser seguro, acolhedor e propício para que os bebês se sintam confortáveis em expressar suas emoções e interagir com os adultos e com seus pares.

Assim, o educador sensível as ações dos bebês não se limitam apenas em observar. Ele interpreta os sinais emitidos, respondendo de maneira sensível e dando condições favoráveis para a interação e expressão dos bebês. Dessa maneira, o educador se torna um mediador essencial nesse processo, contribuindo para a formação de crianças seguras, expressivas e emocionalmente saudáveis.

Entender e valorizar a comunicação dos bebês é, portanto, uma das bases para uma educação infantil de qualidade, que respeita o tempo e as necessidades de cada criança, promovendo um desenvolvimento integral e significativo desde os primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

FOCCHI, Paulo Sergio. Mas os bebês fazem o quê no berçário, hein? Documentando ações de comunicação, autonomia e saber fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva. 2013. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

HORN, Maria da Graça Souza. Brincar e interagir nos espaços da escola infantil. Porto Alegre: Penso, 2017.

SOARES, Suzana Macedo. Vínculo, movimento e autonomia: educação até três anos. São Paulo: Omnisciência, 2020.